



Pesquisa e Educação na Contemporaneidade: Perspectivas Teórico-Methodológicas
Caruaru, 13 e 14 de setembro de 2012

Eixo Temático 1: Educação, diversidade cultural e processos de produção de desigualdades.

DESEJOS E AFETIVIDADES QUE NÃO QUEREM CALAR: O GRUPO LGBT SURDOS DE PERNAMBUCO

José Gonçalves da Silva-UPE
Lúcia Bahia Barreto Campelo- GTOS/UPE
Nádia Patrízia Novena-UPE

Resumo: O presente trabalho objetiva entender como a família e os movimentos sociais organizados contribuem ou não para o processo educativo dos membros do *Grupo LGBT Surdos de Pernambuco*, na perspectiva de garantir criticidade, autonomia e possibilidades de autoafirmação no que compete à orientação sexual desses sujeitos. Logo, para coletar dados e fundamentar o estudo em tela, foi realizada uma pesquisa de campo. Por meio das técnicas de entrevista de Grupo Focal e de diário de campo, sendo possível analisar os discursos dos membros do referido grupo, bem como reforçar a fundamentação de nossas categorias teóricas: homossexualidade, surdez e educação.

Palavras-chave: Homossexualidade, Surdez, Educação, Homofobia, Audismo

Ao enfocarmos a temática da homossexualidade no contexto da prática pedagógica escolar e da não-escolar, entendemos a existência de resistências e dificuldades no tocante ao respeito à diferença. Avaliemos, pois, quando se trata do respeito à homossexualidade de uma pessoa surda, esteja ela na escola ou em qualquer outro espaço social. As verdades e os discursos recaem sobre a lógica heteronormativa, apontando para a homossexualidade como uma “deficiência” que se agravaria, por suposto, naquele que já é deficiente auditivo. O presente trabalho tem como objeto de estudo o papel da educação não-formal para o processo de formação de cidadania e subjetividade dos sujeitos surdos LGBT’s em Pernambuco. A partir da referida investigação, objetivamos entender como a família e os movimentos sociais organizados contribuem ou não para o processo educativo dos sujeitos surdos LGBT’s, na perspectiva de lhes garantir a criticidade, autonomia e possibilidades no que compete a sua orientação sexual.

O estudo em tela surgiu da necessidade de problematizar as razões que levam a educação não-formal, em um Grupo Social Organizado, a contribuir com o processo

educativo dos sujeitos homossexuais surdos, concomitantemente à educação formal básica. Para tanto, realizamos uma pesquisa de campo com o *Grupo LGBT Surdos de Pernambuco*, buscando compreender como esses sujeitos lidam com sua homossexualidade e sua surdez no processo de formação obtido no referido grupo e no convívio familiar, considerando esses espaços na condição de lócus de ensino-aprendizagem. Logo, nos utilizamos da técnica do diário etnográfico e de Grupo Focal para analisar os discursos dos membros do referido grupo, a fim de subsidiar a fundamentação de nossas categorias teóricas: homossexualidade, surdez e educação.

Gomes & Barbosa (1999), acrescentam que o grupo focal é um grupo de discussão informal e de tamanho reduzido, com o propósito de obter informações de caráter qualitativo em profundidade. Por sua vez, Krueger (1988) o descreve como um conjunto de pessoas reunidas em uma série de grupos que possuem determinadas características e que produzem dados qualitativos sobre uma discussão focalizada. O uso da técnica de grupo focal vem salientar aspectos de grande significação, pois como técnica, e sendo videografada, a mesma contempla os modos visuais, gesticulação, trejeitos, ações comportamentais e outros perante a realização da atividade enquanto linguagem não-verbal. Outro método importante, utilizado em nossa pesquisa, foi o diário etnográfico. De acordo com Ludke & André, (1986) outro aspecto importante para analisar discursos e interpretar sentidos é o diário etnográfico, pois ele busca compreender os significados atribuídos pelos próprios sujeitos, ao seu contexto, a sua cultura, assim a descrição etnográfica se utiliza de técnicas voltadas para a descrição densa do contexto estudado. O método etnográfico corresponde aos primeiros estágios da pesquisa de campo: observação (direta, indireta ou participante) e descrição do trabalho de campo através de suas anotações no chamado diário de campo.

É um trabalho fundamentalmente descritivo, que serão reforçadas à luz dos estudos propostos por: Trevisan 2007, Rodrigues 2004, Brandão 1985 Freire 1985, Libanêo 2005, Louro 2007, Ribas 2007, Saviani 1985, 1988 e Skliar 1998, Posterli 1996 & Chiarini Júnior 2003, quando tratam da educação especial, educação formal e não formal, família, Diversidade Sexual e gênero, bem como por meio das orientações legais e pedagógicas apontadas em documentos oficiais PNEDH, PCN's e a lei 10.436 de 24 de Abril de 2002.

HOMOSSEXUALIDADE, SURDEZ E EDUCAÇÃO

De acordo com os discursos acadêmicos no campo da sexualidade e do gênero, a ver como exemplo o autor Trevisan (2007), a homossexualidade se refere à atração afetivo-sexual entre pessoas do mesmo sexo. Por outro lado, para alguns outros autores como: Posterli (1996) & Chiarini Júnior (2003) que apontam no âmbito dos discursos do senso comum, uma homossexualidade tida como anomalia hormonal, desvio, doença, ação satânica e demais discursos que apontam a referida orientação sexual com cunho depreciativo. A homossexualidade durante muito tempo foi e ainda é perpetuada com conceitos pejorativos, tais como: “viado”, “bicha”, “sapatão” “mulher-macho” e outros, além do conceito pecaminoso e de doença, o qual foi atribuída a mesma.

Rodrigues (2004) respalda que a homossexualidade deve ser encarada numa perspectiva da identidade humana, excluindo a ideia de mitos e estereótipos de perversão ou patologia que rondaram a mesma, até o momento em que a Organização Mundial da Saúde (OMS) excluiu o termo homossexualismo do seu código internacional de doenças CID. Os conceitos sobre o “homossexualismo” foram pautados cultural e historicamente num conceito moral e hierárquico para poder explicar o que era e o que é a homossexualidade sob uma lógica machista e heteronormativa. Os discursos contrários à homossexualidade, numa perspectiva julgadora, que condiciona a homossexualidade à condição de anormalidade e doença, reforçam aquilo que entendemos por homofobia.

De acordo com a visão de Louro,(1997,p.13) homofobia especificamente retrata o medo e o desprezo pelos homossexuais que parte da sociedade que sente e o menospreza.Fatores psicológicos podem interromper a vida de um ser homossexual por causa de tanta hostilidade, hostilidade essa que faz com que o ser homossexual possa negar a si mesmo, negar sua identidade. Nesse enfoque, o Guia para Educadores (2006,p.19) salienta que:

Medo;desprezo e intolerância [...] esses são apenas alguns dos sentimentos de repulsa demonstrado contra homens e mulheres homossexuais. A homofobia ódio ou aversão à homossexualidade- é uma prática disseminada não apenas entre skinreads, ou grupos extremistas mas também entre adolescentes,jovens,adultos e idosos que por vários motivos culturais, sociais ou de conduta individual discriminam pessoas de acordo com a orientação sexual.

Já ao que se dirige aos campos da surdez de acordo com Skliar (1998), surdez se refere à perda total ou parcial ou adquirida da audição e ao sujeito surdo foi dado todo o conceito patológico por causa de sua deficiência auditiva.

Diversas discussões sobre a surdez historicamente apontaram-na numa lógica de que o sujeito surdo é incapaz de realizar boa parte das atividades humanas, e isso foi reforçado pela educação de sujeitos surdos, que se desenvolveu de forma preconceituosa, assim apresentando o caráter de uma “educação para especiais ou excepcionais”.

Ribas (2007) fala que a intitulação do termo “excepcional” para se referir às pessoas com deficiência, vem do fato de se acreditar que o surdo não poderia ser educado normalmente como o sujeito ouvinte, pelo fato de não ouvir, por “faltar parte da capacidade humana: a habilidade de ouvir”. Logo, os mesmos eram tidos como seres incompletos e foram rotulados como incapazes. Nessa perspectiva de incapacidades, apresentamos o que alguns autores apontam como audismo.¹ O audismo é um conceito surgido na França que busca definir o olhar preconceituoso sobre o sujeito surdo, enxergando-o na condição de sujeito incapaz, digno de pena e eterna dependência para a execução de suas atividades psicofísicas diárias.

Os sujeitos surdos que sofrem o audismo vão enfrentar dificuldades no respeito desde pequenas ações do cotidiano, tal como “embarcar” num ônibus, ir de um estado a outro ou realizar atividades profissionais, sempre dependendo de terceiros. Toda essa discussão sobre o audismo apenas vem reforçar a reflexão sobre os conceitos pejorativos direcionados às pessoas com surdez, fundamentados na falta de informação sobre as possibilidades e/ou habilidades do sujeito surdo. Somado a isso, o olhar “misericordioso”, sob prisma de pena em face do sujeito surdo, pode provocar algo mais contundente no plano das discriminações e desigualdades sociais: a surdofobia.

A surdofobia seria um tipo de exclusão ou aversão ao sujeito surdo, atribuindo ao mesmo o espaço da margem, dos “outsiders”, o espaço do gueto. A título de maior elucidação, apontemos que o audismo e a surdofobia, embora tenham conceitos que se entrecruzam, bem como a existência do primeiro pode levar à existência do segundo, trata-se de dois conceitos distintos, conforme expusemos. Por exemplo, quando um sujeito surdo é excluído do processo de seleção profissional ou recrutamento

¹ AUDISMO: Impotencialização, Incapacitação do Sujeito Surdo pelo ato de não ouvir.

de uma empresa privada, sob argumento do mesmo ser incapaz e trazer problemas à instituição, essa aversão e conseqüente guetização entende-se por surdofobia.²

Por outro lado, quando o mesmo sujeito é aceito nesse mesmo processo de seleção, porém em funções que não apresentam par de igualdades com os sujeitos ouvintes, sendo encarado na empresa como um profissional a ser sempre acompanhado, a executar funções que não demandem tanto esforço mental e físico, sem os mesmos deveres que os demais profissionais da empresa, tal “compaixão e misericórdia” configuram-se como audismo, o olhar para o outro surdo como “um coitado” e dependente. Já conceito de educação, historicamente, tem se ampliado de maneira diversa.

Em foco (GARDNER, 1994, p.7), nos empodera da teoria das inteligências múltiplas focalizando habilidades ao sujeito seja ela surdo, cego ou dito “normal”

A teoria das Múltiplas Inteligências desafia a visão clássica da inteligência assimilada por todos até então e cria uma teoria de competências intelectuais humanas. Seu mentor tem a convicção de que existem "algumas inteligências, que são relativamente independentes umas das outras e que podem ser modeladas e combinadas numa multiplicidade de maneiras adaptativas por indivíduos e culturas.

Nesse enfoque Savianni (1988), nos tempos de outrora, a educação formal básica era ofertada apenas para uma elite. Contudo, após culturais e longos embates teóricos, bem como por conta do processo de democratização do ensino, a educação passa a ser ofertada às camadas populares como uma forma interventora de diminuir as desigualdades sociais existentes no país. Compactuamos com a filosofia Freiriana (1980), quando afirma a educação a serviço daqueles que viviam e vivem à margem de um sistema político, que apenas se inclina ao setor dominante, ofertando uma formação a aqueles que estavam sempre postos num caráter de dominação de poder, mantendo o interesse da classe social de elite. Para outros autores como Brandão (1985, pp.99-100), o mais importante na educação é o poder reinventar.

É a ideia de que a educação é uma invenção humana e, se em algum lugar foi feita um dia de um modo, pode ser mais adiante refeita de outro, diferente, diverso, até oposto. Muitas vezes um dos esforços mais persistentes em Paulo Freire é um dos menos lembrados. Ao fazer a crítica a educação capitalista, ora chamou também de “educação bancária”, ora de “educação do opressor”,

² SURDOFOBIA: Aversão ao Sujeito Surdo.

ele sempre quis desarmá-la da ideia de que ela é maior do que o homem. De que as pessoas são um produto da educação, sem que ela mesma seja uma invenção das pessoas em suas culturas, vivendo suas vidas.

Em posse de várias pesquisas referente ao conceito educacional, diversos autores mencionam a educação iniciando no âmbito familiar, onde os membros de uma família vão internalizando conceitos, atitudes e ações para que se possa conviver em sociedade Brandão, (1985) “coloca que ninguém escapa da educação em casa, na rua, na igreja ou na escola”, ao se referir a educação de forma popular e concreta, o mesmo ainda ressalta que não nos damos apenas com a educação e sim com educações, pois a educação é uma forma de idealizar ações que se reproduzam entre aqueles que ensinam e aprendem, transpondo ideias durante gerações.

Libanêo (1985 p.21) enfoca as diferentes modalidades de educação, as quais estão empoderadas de diversas pedagogias existentes. Dentre elas se destacam: a *educação formal*, *educação informal*, e a *educação não-formal*.

A *educação informal* corresponderia, a ações e influências exercidas pelo meio, pelo ambiente sociocultural, e que se desenvolve por meio das relações dos indivíduos e grupos com seu ambiente humano, social, ecológico, físico e cultural das quais resultam conhecimentos experiências, práticas, mas que não estão ligadas especificamente a uma instituição, nem são intencionais e organizadas.

A *educação não-formal* seria realizada em instituições educativas de marcos institucionais, mas com certo grau de sistematização e estruturação.

A *educação formal* compreenderia instâncias de instituições escolares, onde se faça presente objetivos educativos explícitos em uma ação intencional institucionalizada, estruturada e sistemática. Na realidade há um elo entre essas educações, tendo apenas um único objetivo comum que é o ato de educar e passar o conhecimento de forma significativa de acordo com suas filosofias. Nessa intenção Freitas Filho, (2009, p.14) menciona que, seja qual for o tipo de educação,

A educação é instrumento estratégico da humanização do humano, tendo nos direitos humanos a pedra fundamental para um ensino-aprendizagem de qualidade. Ser humanizado não é prerrogativa de quem é Ser Humano, é algo que deve ser priorizado no aprendizado diário, a fim de propiciar práticas sociodidáticas libertadoras.

Quadro Teórico: discursos da educação não formal na família e nos movimentos sociais organizados que contribuem ou não com a formação educacional dos sujeitos LGBT's surdos.

	Discursos Positivos	Discursos Negativos
Discursos da família	<p>A) Discurso da tolerância em função da afetividade;</p> <p>B) Discursos do respeito em função da aceitação da Diversidade Sexual na condição de diferença;</p>	<p>A) Discurso religioso;</p> <p>B) Discurso Biologizante;</p> <p>C) Discurso homofóbico/surdofóbico</p> <p>D) Discurso higienizante;</p>
Discursos dos Movimentos Sociais	<p>A) Discurso de Identidade e auto-afirmação;</p> <p>B) Discursos de Direitos LGBT's e Direitos Humanos.</p>	<p>A) Discurso da auto-punição;</p> <p>B) Discurso da Heteronormatividade/religiosidade/biologizante</p>

Salientamos que os discursos transcritos e analisados a seguir, apresentam estruturas da Sintaxe e Semântica fora do padrão da Língua Portuguesa. Isso ocorre porque no processo de interpretação/tradução, a estrutura linguística da LIBRAS difere-se em parte da Língua Portuguesa padrão. Logo, eis a razão para que algumas falas pareçam estar sem lógica sintática, semântica e/ou gramatical.

Para a realização da análise, foram utilizados letras e números, como: P= Participante e uma numeração, de acordo com a ordem que cada fala foi aparecendo ao longo do debate. Essa arrumação em indicar os sujeitos do debate a partir de números e letras, vem no intuito de garantir o anonimato dos envolvidos, evidenciando assim uma participação efetiva dos sujeitos.

Discursos positivos da família: contribuindo para uma formação de um sujeito surdo LGBT autônomo, crítico e livre.

Discurso da tolerância à diferença em função da afetividade

P5 – Bem pra mim ainda é muito difícil não é muito fácil não tudo não na questão da minha família mesmo cada cabeça é diferente. Tem cabeça que é mais aberta, mais compreensiva e outra é cabeça dura minha família antes era muito cabeça dura me batia e gritou pra que você vai ser sapatão menina! Sapatão! Tenho tanta raiva de você, você é nasceu menina namorou com vários e agora se esfregando na vagina pra mim isso foi muito difícil né. Já abriam a mente já atrasado e aí depois eu procurei me informar me ensinar isso mesmo por que eu fiquei muito em casa eu não acreditava em coisa de televisão minha mãe dizia que era coisa do diabo né essas coisas.

Ao observar o trecho transcrito acima, percebemos o respeito da família à diferença, mesmo não concordando com a Diversidade Sexual, ora por conta dos valores religiosos, ora por conta dos valores heteronormativos/biologizantes. Percebe-se que muitas vezes o vínculo afetivo, o amor ao ente próximo, faz com que os pais e demais familiares resignifiquem seus discursos na perspectiva de permitir ao parente surdo LGBT o direito a ter direitos, o direito a ser feliz, o que lhe fortalece enquanto cidadão e lhe dá instrumentos para busca de seus direitos nos diversos espaços sociais, dentre eles a escola.

Discursos do respeito em função da aceitação da Diversidade Sexual na condição de diferença.

P2 – Sobre essa questão de pai, mãe né que aceita o filho que é lésbica ou gay a maioria né assume alguns aceitam isso bem eu tenho uma família que é sortuda por que eu falei minha mãe aceitou.

Quando a defesa da Diversidade sexual ocorre no âmbito familiar, é possível perceber as possibilidades de superação do preconceito, na medida em que o sujeito discriminado está em outros espaços sociais. Com o reforço discursivo familiar que garante o respeito, o sujeito aprende que sua identidade e subjetividade deve ser preservada, tendo mais subsídios para lutar por direitos.

Discursos Negativos: A não contribuição da família no processo educacional de um sujeito surdo LGBT:

Discurso religioso

P8 – Minha mãe falou você precisa escolher um caminho certo o homem Deus não aceita isso, isso é coisa do Diabo você vai

ser castigado mas ai eu estou nesse caminho de... Mas ai ela continua falando que quer que eu case com uma mulher, mas ela continua com a mente fechada né falta ela ainda entender a questão do movimento LGBT, mas ainda existe ainda um pouco de preconceito né, mas é aquela coisa falta de comunicação interrogação na mente.

P5 – Eu vi o que P8 tava falando é questão de opinião, que a mãe dele fala pra ele casar minha mãe também, meus pais, meus avós sonham que eu me case com um homem e crie minha filha mas antigamente não se existia direito né não tinha o direito na questão LGBT que antes por causa de Eva de Adão, essa questão da bíblia se falava muito isso que na bíblia o homem foi feito pra mulher ou da questão católica qualquer religião não pode ficar com mulheres por que a mulher foi feita pro homem e o homem foi feito pra mulher mas e eu e o sentimento onde fica certo no caso do homem virgem (ênfase na palavra). Me obrigam a casar mas é a mesma coisa a gente pode ter o azar de fazer certo e não dá certo seja...

Os trechos acima vêm enfocar discursos que perpassam durante gerações, carregados de conceitos contrários à identidade homossexual, afirmando a homossexualidade numa condição satânica, pecaminosa, desvio de função e outros discursos contrários a tal identidade.

Discurso Biologizante:

P5 – Bem pra mim ainda é muito difícil não é muito fácil não tudo não na questão da minha família mesmo cada cabeça é diferente. Tem cabeça que é mais aberta, mais compreensiva e outra é cabeça dura minha família antes era muito cabeça dura me batia e gritou pra que você vai ser sapatão menina! sapatão! Tenho tanta raiva de você, você é nasceu menina namorou com vários e agora se esfregando na vagina. Pra mim isso foi muito difícil né.

P8 – Bem quando eu era pequeno né minha mãe olhe! Seja homem visse não vai desmunhecar não! Futuramente você vai casar com uma mulher. Pra mim aquilo era uma bobagem era uma chatice mesmo, por que eu só vivia paquerando os homens endureça! E eu sempre desmunhecando, se ajeita! Seja homem mas ai eu já tava acostumado e ai minha mãe dizia se você se acostumar com mulher você vai casar só vivia falando isso, antes de morrer eu quero ver você casado, mas ai eu já me acostumei com homem, e ai minha mãe falou você precisa escolher um caminho certo o de homem.

Os enunciados acima confirmam como as práticas discursivas sob as regras do discurso biologizante, culturalmente arraigados, fortalecem práticas preconceituosas e não contribuem para a educação libertadora. Percebe-se nesses enunciados, como o gênero, sob aspecto do discurso biológico, se sobrepõe ao discurso da diversidade cultural e sexual, visto como instrumento para reprodução, casamento, e demais preceitos de ordem determinista e binária do gênero.

Discurso homofóbico/surdofóbico

P6 – Mas assim desde menina que eu brincava de casinha mamãe e papai com as minhas primas tinha minha irmã minha prima né minha prima era minha esposa né e a gente ficava sempre brincando ai a gente se esfregava essas coisas você sabe né e a gente sempre trocava beijos escondidos hoje minhas primas ainda são hetero e desde sempre comecei a gostar de lésbica. Ai minha tia perguntou a mim olhe você é sapatão menina? Você é sapatão menina? Eu acho que eu tinha uns 17 anos e as pessoas diziam isso pra mim isso foi remoendo criando uma angustia né e eu sempre fingindo sempre namorava com algum surdo uns três meses e não me sentia bem dois anos depois eu continuei solteira né tendo casos com mulheres escondido ai minha mãe perguntou menina faz dois anos que tu tá sozinha tu é sapatão ai eu disse não tens uns por ai minha irmã perguntou tu é sapatão não tá certo você é minha irmã minha amiga né eu sou mas não conta a minha mãe não bem a (Interprete) conhece minha vida né, varias mulheres ai minha perguntando você é sapatão? Só que minha irmã discutiu comigo e fez uma chantagem né dizendo olhe se você não me der eu conto pra minha mãe ai eu peguei chamei minha mãe e assumir comecei a contar minha mãe bateu no meu rosto (pausa) né eu assumi minha mãe fingia pra família que eu não tinha assumido.

Discursos Positivos: discursos do Ativismo LGBT e dos Direitos Humanos e os de auto-afirmação

P1 – Desde pequeno que eu sou gay, eu já me senti gay desde os sete anos. Pra mim foi uma coisa muito natural. Desde pequeno que eu me assumo sim ser gay.

P2 – Eu acho que isso não é tão importante ser surdo ou ouvinte. Eu acredito que é um sentimento que aparece por ser lésbica que pode ser surdo ouvinte desde que agente somos humanos como qualquer um.

Os discursos humanizadores, que aparecem nos trechos acima clamam e fazem menção por uma educação em direitos humanos, é bom lembrar que toda e qualquer pessoa tem direito de ir e vir no espaço ao qual se está inserido e que uma educação humanizadora é, fator inerente a formação humana do sujeito, ofertando ao mesmo autonomia e criticidade para intervir em ações que lhe compete.

Discursos Negativos: Produzidos no Cotidiano dos Movimentos Sociais

Discursos da auto-punição

P7 – Eu concordo com P5, no que ela falou concordo com ela, mas ai você fala a questão de Eva de Adão que Deus fez o homem pra mulher e a mulher pro homem. Mesmo que não existia lésbica era tudo muito limpo o mundo era puro ninguém falou agora nesse momento essa questão depois de anos e anos o pecado veio aparecer é existe as pessoas não dão é muito gostoso, o pecado é muito gostoso (ênfase na palavra) se você entra num caminho apertado da igreja e vai para o caminho largo, qual o caminho que você acha mais gostoso apertado à gente sabe que vai chegar é da benção é os caminhos grandes largos existe muita tentação não dá pra você se imaginar... Essa questão de assumir a família, assumir que é ladrão, assumir que é drogado a gente sabe que é pecado a gente que é mesmo assim que a família não aceita mesmo por que Deus também não aceita.

A partir dos trechos acima, é significativo, perceber a quantidade de pessoas que entram em crise psicológica, por conta de sua orientação sexual, quando é uma orientação sexual que permeia desejos a seus iguais, crucificados como profanos e injuriosos aos “olhos de Deus” como se observa nos discursos transcritos acima, esses seres passam a assumir uma identidade ao qual não faz parte de sua personalidade, cedem a influência da heterossugestão, como menciona Rodrigues (2004).

Discursos da heteronormatividade/biologizante/religioso

A heteronormatividade seria o padrão social permitido aos indivíduos em coletivo. O homem e a mulher, feitos um para o outro, elementos essenciais para a perpetuação da espécie, resguardando o dever de manutenção de uma sexualidade em que somente existam o sexo e o desejo pelo oposto, no tocante ao gênero. Logo, a homossexualidade e a bissexualidade subverteriam a ordem do sexo divino, para juntar-se ao “anti-higiênico”, pecaminoso. Esse discurso está diretamente atrelado ao discurso religioso e biologizante de macho e fêmea reprodutores, o que leva ao sujeito LGBT, seja ele surdo ou não, a produzir sentidos e verdades discursivas contrárias aos seus desejos e afetos.

P1 – Ela já se tornou lésbica bem atrasada né... ela nunca foi lésbica desde pequena só foi depois que se casou com homens. depois ela sofreu um preconceito decidiu ser lésbica eu não concordo com essa questão ser hetero 1º e depois ser lésbica.

P5 – Na questão a gente ter uma relação com homem que não dá certo e a gente vai com uma relação com as mulheres e não dá certo elas ainda dizem é mas isso não combina com Deus, Deus não concorda mas ai eu digo pra ela oh! A maioria tem pecado ladrão é pecador, prostituta é pecador eu sou pecador todos somos pecadores né eu antes eu acredito que o pecado, mas fazer o que agora já aumentou né é o direito de cada um.

É perceptível o quanto o discurso biologizante, religioso e heteronormativo se mantém, de forma presente, como se estivéssemos atrelados a apenas um lado da moeda ou você é lado A ou é lado B, como se tivéssemos o dever de estar prestando contas a sociedade de forma contínua das decisões que tomamos na vida e como se os atos e ações que fogem aos padrões sociais, ocorrem “conscientemente” na perspectiva do erro. O aspecto religioso entra em cena na ideia de enquadrar o ser a linhagem heterossexual como forma de extinguir o pecado e como norma de regulação a orientação homossexual, fortalecendo, assim o poder heterossugestivo da sociedade, que visa de forma incessante banir a homossexualidade.

Os sujeitos surdos LGBT se utilizam do discurso do determinismo biológico como forma de definição de seus desejos, afetos e ações na perspectiva da subversão do normal, são discussões que permeiam um conjunto de ações contrárias a homossexualidade, não enxergando, muitas vezes, como uma identidade sexual, como uma outra predominante na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A referida pesquisa pôde fomentar uma série de discussões referente à homossexualidade, à surdez e à educação, a partir da discussão e produção de saberes e discursos que buscam desmistificar mitos e estereótipos e a quebra de conceitos cristalizados de sexualidade e gênero por uma sociedade preconceituosa.

Os diversos campos teóricos abordados ao longo desse trabalho fez elucidar as relações estabelecidas na família e na sociedade, em campos de educação e educações.

A homossexualidade no contexto dos surdos, de acordo com o nosso processo investigativo, deve ser encarada como uma identidade sexual, não podendo ser vista como uma deficiência como mencionam discursos negativos a homossexualidade e segregacionistas que se remetem à surdez que corroboram com o conceito de “deficiência em dobro”. Para tanto, a importância da família como instância de educação não-formal, tem papel fundamental na formação do sujeito surdo LGBT, seja para sua afirmação enquanto surdo seja para sua afirmação enquanto homossexual.

O audismo e a surdofobia sofridos nesse e em outros espaços formais e não-formais de educação, fortalecem um discurso excludente, que não promove a inclusão dos deficientes auditivos, e nem garante sua formação cidadã. Toda a aversão ao sujeito surdo LGBT se origina por conta de sua orientação sexual cristalizando discursos pejorativos e evidenciando de forma crescente a surdofobia nos diversos espaços de socialização humana. Dessa forma, por essa tal discriminação contra gays, lésbicas e travestis surdos, os mesmos preferem se relacionar com pessoas do mesmo segmento, originando assim uma guetização e uma divisão de grupos entre homossexuais surdos e ouvintes. Essa guetização é uma forma de sentir-se aceito, “de igual a igual” nos aspectos de orientação sexual e deficiência auditiva.

Somado a isso, reforçamos a existência de dificuldades no tocante à inclusão de sujeitos surdos, e mais adiante sujeitos surdos homossexuais, no processo igualitário de educação básica formal. Vimos que esse processo de normalização, de repressão das múltiplas possibilidades de expressão da sexualidade, se dão através de seu silenciamento, e até diria de um ensurdecimento e de uma cegueira pelo ato de não querer enxergar nem ouvir esses fatores que são fundamentais e que fazem parte também da história da educação dos surdos, uma educação composta por lacunas na formação do sujeito deficiente.

Mesmo com algumas tentativas de rupturas, e lacunas tal processo se manteve sustentado pela ideia de que uma educação sexual que respeitasse a diversidade sexual, poderia ser uma ação que estimularia a liberação da sexualidade, o que poderia ocasionar uma liberação dos “libertinos sexuais” evidenciando prejuízos à sociedade, e que isso, modificava o percurso natural das coisas, reprodução da espécie, o que expressa uma representação social da sexualidade de modo biologizante e higienizado. Os estudos referentes à sexualidade humana, de modo especial em Pernambuco, têm crescido cada vez mais junto com as parcerias dos movimentos sociais, no intuito de

romper com as barreiras do silêncio no que diz respeito à história da educação sexual escolar pernambucana.

Esperamos com esse trabalho desencadear/estimular/instigar novos discursos nos campos da sexualidade humana, da Educação Inclusiva e que os espaços de educação formal, escolas, universidades e outros, possam salientar a importância de uma educação de qualidade pautada nas diferenças individuais de cada sujeito, possibilitando assim a construção de uma sociedade mais digna a todos que dela fazem parte.

Com isso as conclusões e as discussões levantadas no LGBT surdos cooperam para que seus integrantes possam estabelecer relações cotidianas referentes a seus direitos e possam sentir-se como agentes transformadores de sua realidade, além de favorecer novos discursos na formação dos educadores dos cursos de licenciatura e especialização que trabalham temáticas transversais na perspectiva de preparar o sujeito para se adequar ao novo ao diferente.

REFERENCIAS

BRANDÃO, Carlos R. **O que é educação**. 33.ed. São Paulo:Brasiliense, 1985.

BRASIL, **Organização Mundial da Saúde**, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

CHIARINI JÚNIOR, Eneas Castilho. **A igreja Católica e os homossexuais: a gota d'água**. In "Revista Jurídica del Peru" nº 49 ,pág. 249 -270, Lima (Peru): Normas Legales, Agosto de 2003.

FREITAS FILHO, Luciano Carlos Mendes de. [2009] **As rosas por trás dos espinhos: discursos e sentidos na formação de professores em face do debate da homofobia**. Dissertação de Mestrado. Educação. Universidade Federal de Pernambuco, 125 p.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas, a inteligência na prática**. Porto Alegre: Artes 1994.

GOMES & BARBOSA. **A técnica de grupos focais para a obtenção de dados qualitativos**. Instituto de pesquisa e inovações educacionais. - Educativa, 1999 Médicas, 1994.

GUIA PARA EDUCADORES (AS) **Educando para a diversidade**. Curitiba: Junho. 2006, CEPAC.

KRUEGER, R.A. **Focus Group: A practical Guide For Appliedresearch** New Bury Park: Sage Publications,1988. Trad. Rodrigues. A.R. **Pontuação Sobre a investigação**

mediante grupos focais. Seminário COPEADI – Comissão Permanente de Avaliação e Desenvolvimento, 1988.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública:** A pedagogia crítica social dos conteúdos. 15.ed. São Paulo: Loyola, 1985.

LOURO, G. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LUDKE, M; ANDRÉ, M.E.D.A. **A pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU 1986.

POSTERLI, Renato. **Transtorno de Preferência Sexual:** Aspectos Clínicos e Forenses. Belo Horizonte: Del Rey, 1996.

RIBAS, João. **Preconceito contra as pessoas com deficiência:** as relações que travamos com o mundo. São Paulo: Cortez, 2007.

RODRIGUES, Humberto. **Amor Entre Iguais.** São Paulo: Mythos, 2004.

SAVIANI, Demerval. **Política e Educação no Brasil:** O papel do Congresso Nacional na legislação de ensino. 2.ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1988.

SKLIAR, C. **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto alegre: Mediação, 1998.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso:** a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 7.ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.